



# Ativos AVICULTURA

Ano 4 - Edição 8 - Janeiro de 2018

twitter.com/SistemaCNA  
facebook.com/SistemaCNA  
instagram.com/SistemaCNA

www.cnabrasil.org.br



## COE da avicultura integrada sobe 4,4% em 12 meses

Marcos Iguma, *Engenheiro Agrônomo pela Esalq/USP, Coordenador da Equipe de Suínos, Frangos e Ovos do Cepea*  
Renato Prodoximo, *Graduando em Engenharia Agrônômica pela Esalq/USP e Analista de Custos de Produção do Cepea*

Entre setembro de 2016 e agosto deste ano, o Custo Operacional Efetivo (COE) do avicultor integrado subiu 4,37% na “Média Brasil” (composta pelos estados de GO, DF,

BA, MG, MS, MT, SC e SP), segundo pesquisas do Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea), da Esalq-USP, em parceria com a Confederação da

Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA), por meio do Projeto Campo Futuro<sup>1</sup>.

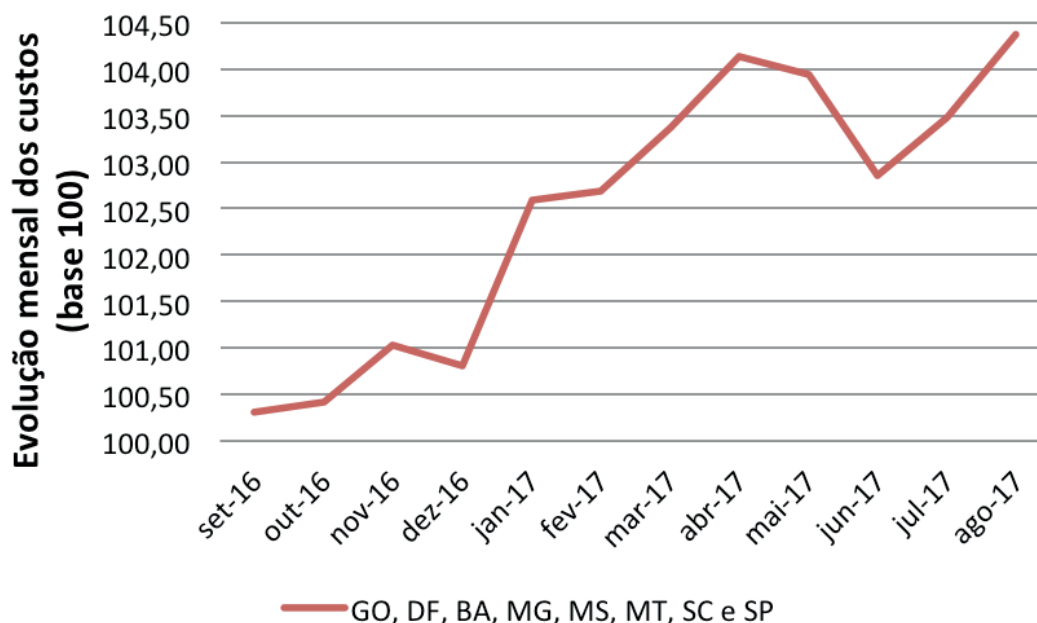


Gráfico 1. Média da evolução do COE nos últimos 12 meses – base 100. | Fonte: Projeto Campo Futuro CNA (2017), Cepea/Esalq-USP.

Dentre os produtores de frango convencional<sup>2</sup>, a alta mais expressiva foi verificada no estado de Mato Grosso, onde o produtor teve elevação de 6,1% nos custos nos últimos 12 meses. O panorama foi semelhante ao do avicultor de Goiás, que teve aumento de 5,56% no mesmo comparativo. Nos demais estados o comportamento ficou abaixo do registrado na Média Brasil, apesar da alta. Na Bahia e em São Paulo o avanço foi de 4,31%; a

menor alta, por sua vez, foi observada em Mato Grosso do Sul: 3,19%.

Já para os produtores de frango do tipo *griller*<sup>3</sup>, os aumentos foram de 3,57% e 1,97% em MS e MG, respectivamente, no período de setembro de 2016 a agosto de 2017. Já em Santa Catarina (levantamento realizado a partir de janeiro/17), no acumulado deste ano, os produtores de frango *griller* registraram elevação de 4,32% nos custos.

Os itens que tiveram maior representatividade no COE do produtor em agosto de 2017 foram os gastos com mão de obra, manutenções, energia elétrica e os desembolsos administrativos. A mão de obra na “média Brasil” correspondeu a 28,74% dos custos, sendo que a maior participação foi em Feira de Santana (BA), de 39,27% do COE desta granja típica. Em Lucas do Rio Verde, a mão de obra representou 22,87%.

<sup>1</sup> Iniciativa da Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil, em parceria com o Cepea-Esalq/USP no acompanhamento dos custos de produção da avicultura por meio da metodologia de Painel (grupo focal).

<sup>2</sup> Frangos abatidos a partir dos 41 dias de idade e peso mínimo de 2,4 kg.

<sup>3</sup> Aves com padrão de carcaça mais leve para exportação, abatidas com até 30 dias e 1,46 kg de peso corporal.

**Tabela 1. Representatividade do COE nos estados acompanhados pelo Projeto Campo Futuro, em agosto/2017**

	Griller			Convencional							Média BR
	Uberlândia (MG)	Caarapó (MS)	Chapecó (SC)	Feira de Santana (BA)	Brasília (DF)	Rio Verde (GO)	Sidrolândia (MS)	Lucas do Rio Verde (MT)	Chapecó (SC)	Amparo (SP)	
Administrativos	7,38%	21,27%	14,98%	4,90%	27,70%	3,03%	33,35%	17,43%	13,82%	2,73%	15,65%
Impostos e Contribuições	3,50%	0,00%	0,05%	2,40%	0,49%	0,76%	0,20%	1,00%	0,04%	1,43%	1,08%
Licenciamento Ambiental	0,26%	0,25%	0,19%	0,00%	1,64%	1,15%	0,17%	0,00%	0,18%	0,00%	0,29%
Energia Elétrica	19,67%	13,98%	13,18%	16,22%	15,44%	9,53%	13,90%	25,23%	25,93%	7,86%	16,21%
Água	1,19%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,24%	0,00%	1,32%	0,34%
Combustível e lubrificante	2,46%	0,84%	3,12%	0,84%	0,44%	6,23%	2,08%	2,54%	2,34%	1,65%	2,79%
Insumos Para aquecimento	7,30%	11,76%	13,66%	12,98%	5,97%	10,25%	4,96%	3,60%	8,20%	19,25%	8,17%
Mão de Obra	31,12%	27,48%	31,34%	39,27%	30,93%	36,72%	25,96%	22,87%	28,91%	29,51%	28,74%
Medicamentos	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	3,36%	0,00%	0,00%	0,00%	0,78%
Locomoção	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	2,17%	0,10%	0,00%	0,00%	0,55%
Limpeza e Desinfecção	0,44%	0,00%	0,62%	1,00%	0,06%	0,73%	0,00%	1,21%	0,57%	0,56%	0,58%
Vestimenta e proteção individual	3,79%	0,33%	1,23%	0,58%	0,37%	0,29%	0,19%	1,74%	1,14%	4,14%	1,45%
Controle de Pragas	0,21%	0,48%	0,38%	0,00%	0,13%	0,47%	1,06%	0,31%	0,35%	0,35%	0,50%
Cama de frango	3,25%	5,58%	4,03%	5,16%	1,93%	6,15%	3,51%	7,30%	3,72%	7,80%	5,62%
Outros	0,00%	6,83%	0,74%	0,00%	0,11%	1,00%	0,00%	0,00%	0,55%	0,00%	0,69%
Manutenções (total)	19,43%	11,20%	16,47%	16,65%	14,78%	23,67%	9,10%	16,41%	14,25%	23,40%	16,55%

Fonte: Projeto Campo Futuro CNA (2017), Cepea/Esalq-USP.

Para as manutenções totais, que incluem os itens de benfeitorias, equipamentos, máquinas, implementos e utilitários, o dispêndio do produtor em agosto deste ano foi de 16,55% de participação do COE, na média dos estados pesquisados pelo Cepea. Para o avicultor de Rio Verde (GO), o gasto com as manutenções representou 23,67% dos custos inerentes da produção e, em Amparo (SP), esse item somou 23,40% do COE. O menor gasto com manutenções foi verificado nas propriedades modais de MS, em Caarapó (11,20%) e em Sidrolândia (9,10%).

Já a energia elétrica chegou a representar 25,93% do custo do produtor catarinense em agosto/17, valor mais alto de participação, e muito superior à “média Brasil”, de 16,21%. Para os avicultores de MT e MG, a participação da energia elétrica no COE também supera essa média, atingindo 25,24% e 19,68% dos custos, respectivamente. Para o avicultor paulista, esse item somou apenas 7,86% dos gastos na produção.

Outro item que compõe a lista de custos do produtor típico é o administrativo, que inclui os gastos para administrar a granja e o custo para quitação

do financiamento adquirido para a implantação da atividade, reforma ou modernização da granja. Na “média Brasil”, a participação desse gasto no COE foi de 15,65% em agosto/17, sendo que as propriedades que têm financiamento mostram disparidade em comparação com fazendas que não utilizaram ou já quitaram seu financiamento. Por exemplo, na região de Sidrolândia (MS), esse gasto chegou a 33,35% e, em Brasília (DF), a 27,70%. Panorama diferente das propriedades que não utilizam algum tipo de financiamento, como São Paulo (2,73%), Goiás (3,03%) e Bahia (4,90%), no mesmo período.

# Energia e mão de obra elevam custos em agosto

Marcos Iguma, *Engenheiro Agrônomo pela Esalq/USP, Coordenador da Equipe de Suínos, Frangos e Ovos do Cepea*  
Renato Prodoximo, *Graduando em Engenharia Agrônômica pela Esalq/USP e Analista de Custos de Produção do Cepea*

A energia elétrica e a mão de obra foram responsáveis por 92,15% do aumento dos custos neste ano. Este foi o resultado do levantamento e acompanhamento dos preços dos itens que compõem o COE entre agosto e janeiro 2017, nos estados pesquisados pelo Cepea (BA, DF, GO, MG, MS, MT, SC, SP). Dos R\$ 81.138,55 acrescidos nos gastos da média nacional em agosto,

que representa aumento de 3,63% frente a janeiro, R\$ 74.769,89 correspondem à conta de energia e ao pagamento de funcionários e benefícios.

O gasto com energia elétrica tem influência direta no COE do avicultor integrado (Gráfico 1). No acumulado deste ano (de jan/17 a ago/17), a alta da energia chegou

a 9,03% dos custos na Média Brasil e, na prática, para o produtor, esse aumento significou 39,12% do valor total (em Reais) em agosto 2017 frente ao primeiro mês do ano. Comportamento semelhante foi verificado para a mão de obra, em que o reajuste de 6,76% na parcial do ano representou 53,03% do aumento no custo de produção.

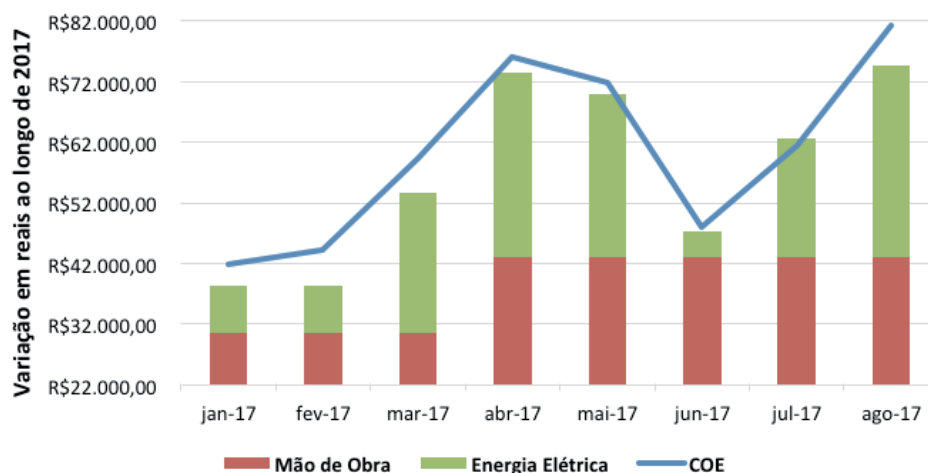


Gráfico 1. Variação do COE e gastos com energia e mão de obra em 2017 | Fonte: Projeto Campo Futuro CNA (2017), Cepea/Esalq-USP.

Além dos reajustes positivos anuais no preço da tarifa da energia elétrica na maioria dos estados acompanhados pelo Cepea, o acréscimo no preço em decorrência da mudança das bandeiras tarifárias tem encarecido a conta do avicultor. Após o período das águas, os níveis dos reservatórios das hidroelétricas ficam mais baixos.

A baixa vazão de água faz com que as empresas de energia liguem as termoelétricas,

o que aumenta os custos de produção de energia e, conseqüentemente, esses custos são repassados ao consumidor. Neste ano, apenas três meses não tiveram acréscimos na tarifa. Logo, o resultado do período foi de aumento do custo do avicultor integrado.

A alta mais acentuada da energia elétrica foi verificada em Santa Catarina, onde o produtor gastou 15,02% a mais no acú-

mulado de janeiro a agosto de 2017. Em seguida esteve Mato Grosso com aumento de 14,91% no acumulado de 2017. Apenas em São Paulo e em Minas Gerais o custo com a energia elétrica recuou, devido à redução da tarifa pelas distribuidoras e concessionárias de energia. Em São Paulo, o recuo foi de 1,81% e, em Minas Gerais, de 0,38%.

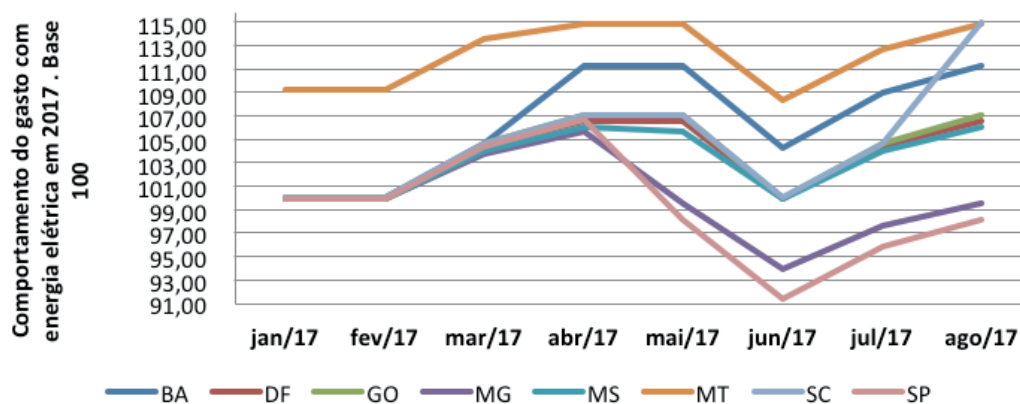


Gráfico 2. Gastos com energia elétrica em 2017 (Base 100) | Fonte: Projeto Campo Futuro CNA (2017), Cepea/Esalq-USP.

Já em relação à mão de obra chegou a representar 28,74% do custo em agosto de 2017 na Média Brasil. Deste modo, o maior reajuste de 7,62% foi verificado em SP, seguido pelo registrado em MS, com 7,58% e os demais estados, com 6,48%.

A elevação dos custos de produção até agosto foi repassada aos preços da carne de frango, influenciando as altas nas cotações do produto resfriado, congelado e cortes em setembro, segundo dados do Cepea. Integradoras e produtores esperam custos ainda mais apertados até

o final do ano. Segundo análises do Cepea, as exportações ajudaram a regular o mercado doméstico – foram embarcadas 382,72 mil toneladas em agosto, registrando embarques recordes em volume para 2017 –, escoando estoques e evitando cenários de baixo faturamento neste período de custos elevados.

# Milho e soja favorecem resultados da avicultura de postura em 2017

Marcos Iguma, *Engenheiro Agrônomo pela Esalq/USP, Coordenador da Equipe de Suínos, Frangos e Ovos do Cepea*  
Renato Prodoximo, *Graduando em Engenharia Agrônômica pela Esalq/USP e Analista de Custos de Produção do Cepea*

O Projeto Campo Futuro, da CNA (Confederação da Agricultura e Pecuária) em parceria com o Cepea, da Esalq/USP, ao analisar as granjas típicas da avicultura de postura de Manaus (AM), Campo Verde (MT), Garanhuns (PE) e Arapongas (PR), em 2017, indicou forte diminuição do Custo Operacional Efetivo (COE<sup>4</sup>) do avicultor neste ano em relação a altos preços dos grãos registrados em 2016.

As regiões foram visitadas pelo Projeto em 2017, utilizando preços médios de grãos do ano fiscal de 2016 coletados junto aos produtores, para representar a situação geral das propriedades avícolas de postura no início deste ano. Desta forma, o preço médio da saca de 60 quilos de milho na região amazonense foi de R\$ 50,00; na mato-grossense, de R\$ 38,00, na pernambucana, de R\$ 48,00, e na paranaense, de R\$ 40,20. Já a tonelada de farelo de soja teve média de R\$ 1.500,00

no Amazonas, R\$ 1.400,00 em Mato Grosso e Pernambuco, e de R\$ 1.190,00 no Paraná.

Com estes números em 2016, o panorama dos preços dos principais insumos componentes da ração (milho e farelo de soja) não foi favorável ao avicultor, principalmente com relação ao milho, que compõe 61,28% da ração. Assim, a ração chegou a representar 67,36% do COE na média dos estados analisados no período. Os avicultores de Pernambuco e Amazonas, que costumam comprar os grãos de outras regiões, tiveram um gasto maior com a alimentação das galinhas, chegando a 74,19% do COE na média de 2016.

Com lucro<sup>5</sup> de R\$ 1,69/caixa de 30 dúzias de ovos na média de 2016, a região de Campo Verde (MT) teve o melhor resultado dentre as granjas típicas pesquisadas.

Atualizando os preços médios de grãos coletados em painel<sup>6</sup> (2016) para a média deste ano, o lucro do avicultor mato-grossense passa para R\$ 11,37/caixa. O bom desempenho de Mato Grosso foi seguido pelo estado do Paraná, com lucro de R\$ 0,66/caixa no ano passado, e em 2017, este lucro chega a R\$ 10,80/caixa.

Já a atividade na região de Pernambuco não apresentou lucro em 2016, conseguindo pagar apenas o COE e o Custo Operacional Total (COT<sup>7</sup>). Na granja típica de Amazonas, por sua vez, somente o COE foi suficientemente remunerado. Para 2017, considerando-se o cenário de preços de grãos atualizados, ambas as propriedades tiveram Lucro. Em Garanhuns (PE), o avicultor obteve R\$ 6,19/caixa e, em Manaus, o lucro foi de R\$ 5,86/caixa vendida.

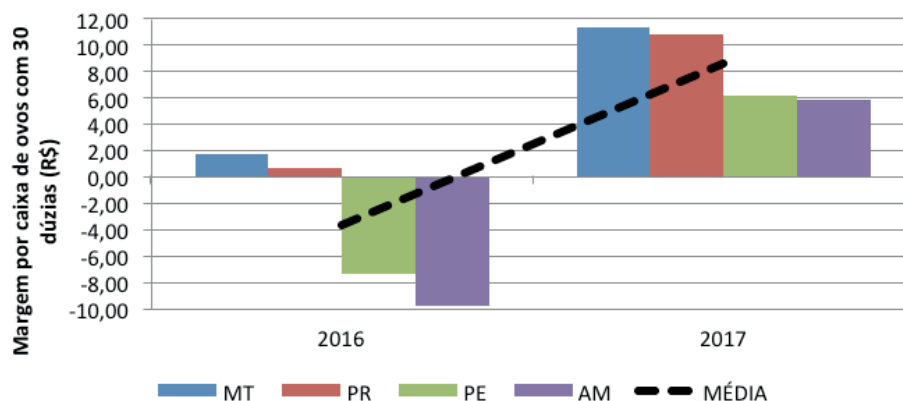


Gráfico 1. Margem em Reais por caixas com 30 dúzias | Fonte: Projeto Campo Futuro CNA (2017), Cepea/Esalq-USP.

Os dados foram levantados sob a ótica dos dispêndios operacionais, em que o Custo Total (CT) compreende desde os desembolsos correntes do produtor (COE), o COT, remuneração dos capitais investido e circulante e o custo de oportunidade da terra.

O COE do produtor amazonense reduziu 14,52%, influenciado pela desvalorização

de 30% do milho e de 13,33% do farelo de soja. Na região mato-grossense, a queda nos gastos foi de 12,80%, sendo que o preço do milho baixou 26,32%, e o do farelo de soja, 28,57%, de 2016 para 2017. Em Pernambuco, o COE diminuiu 13,59%, com recuo nas cotações do milho de 37,31%, e nas do farelo de soja, de 16,55%. No Paraná, a redução do COE foi de 12,99%, com desvalorização do milho

de 30,8%, e do farelo de soja, de 18,16%, no mesmo período.

A representatividade da ração no COE diminuiu 5,04% na média das regiões analisadas, sendo que a redução mais expressiva foi em Mato Grosso, de 6,26%, seguido do Paraná com 5,48%, Amazonas com 4,39% e Pernambuco, 4,04%.

<sup>4</sup>ICOE (Custo Operacional Efetivo): representa os desembolsos correntes do produtor, como custos com mão de obra, manutenções, energia elétrica, ração, gastos administrativos e compra de outros insumos.

<sup>5</sup> Lucro: é a Receita Total menos o Custo Total (soma do COT com o custo de remuneração do capital investido e o custo de oportunidade da terra).

<sup>6</sup> Painel: grupo focal formado por produtores regionais, técnicos, representantes de vendas e pesquisadores para composição do custo de produção típico.

<sup>7</sup> COT (Custo Operacional Total): Soma do COE com depreciações de benfeitorias, máquinas, implementos, equipamentos, utilitários, pró-labore.

Tabela 1. Comparativo entre 2016 e 2017 nos estados acompanhados pelo Projeto Campo Futuro

2016				
	AM	MT	PE	PR
Preço do milho	R\$ 50,00	R\$ 38,00	R\$ 48,00	R\$ 40,20
Preço Farelo de soja	R\$ 1.500,00	R\$ 1.400,00	R\$ 1.400,00	R\$ 1.190,00
COE	R\$ 4.033.530,08	R\$ 68.524.863,46	R\$ 7.616.617,12	R\$ 18.849.869,08
COT	R\$ 4.234.122,08	R\$ 72.160.987,59	R\$ 8.015.363,25	R\$ 19.414.665,35
Participação ração no COE	74,13%	57,35%	74,25%	63,71%
2017				
	AM	MT	PE	PR
Preço do milho	R\$ 35,00	R\$ 28,00	R\$ 35,00	R\$ 25,20
Preço Farelo de soja	R\$ 1.300,00	R\$ 1.000,00	R\$ 1.200,00	R\$ 993,00
COE	R\$ 3.447.662,66	R\$ 59.752.275,94	R\$ 6.581.648,24	R\$ 16.379.536,57
COT	R\$ 3.648.254,66	R\$ 63.388.400,07	R\$ 6.980.394,37	R\$ 16.944.332,84
Participação ração no COE	69,74%	51,09%	70,21%	58,23%

Fonte: Projeto Campo Futuro CNA (2017), Cepea/Esalq-USP.

Portanto, a rentabilidade da atividade é altamente sensível às oscilações dos preços dos insumos da ração. O momento da compra desses grãos é fundamental para a saúde financeira da atividade, influen-

ciando diretamente no lucro da granja. O avicultor deve ficar atento à sazonalidade de preços dos insumos durante o ano, de forma a se prevenir em momentos de mudanças bruscas nas cotações, tendo

conhecimento de seus custos e fazendo um caixa suficiente para as épocas mais críticas ou utilizando mecanismos de travamento de preços.

## Bom desempenho produtivo do frango pode elevar excedentes exportáveis

Marcos Iguma, *Engenheiro Agrônomo pela Esalq/USP, Coordenador da Equipe de Suínos, Frangos e Ovos do Cepea*  
Maristela de Mello Martins, *Economista e Mestranda em Economia Aplicada pela Esalq/USP e analista de mercado do Cepea*

Estudo do Cepea indica que, de 2017 até 2022, o Brasil deve aumentar em 36% a quantidade de excedentes exportáveis – quantidade de carne de frango disponível para a exportação –, o que pode elevar a inserção do País no mercado internacional e, conseqüentemente, a receita do setor exportador avícola. A possibilidade de elevar os excedentes exportáveis está associada ao fato de que a produção brasileira de carne de frango irá aumentar mais do que a quantidade consumida no mercado doméstico – segundo o estudo, a produção pode subir 18% nos próximos cinco anos, enquanto o consumo irá registrar avanço de apenas 8%.

Esse trabalho baseou-se em perspectivas quanto ao crescimento do PIB (Boletim Focus, do Banco Central, e do PIB Brasil, do Cepea); na estimativa do crescimento populacional (média geométrica dos últimos 10 anos com base nos dados do IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística); na elasticidade-renda da demanda<sup>8</sup> (calculada a partir da Pesquisa de Orçamentos Familiares 2008/2009, do IBGE) e na projeção da taxa de crescimento da produção de carne de frango (média

geométrica dos últimos 10 anos, com base nos dados da ABPA – Associação Brasileira de Proteína Animal).

A taxa média de crescimento anual da produção do setor avícola foi de 3,34%, em média, de 2006 a 2016, segundo estudos do Cepea com base nos dados da ABPA. Essa taxa de crescimento resultou em expansão de 38% da produção no mesmo período, o que permitiu, conseqüentemente, a geração de excedentes exportáveis. O volume total de carne de frango enviada ao exterior entre 2006 e 2016 aumentou 33%, alcançando 4,3 milhões de

toneladas no último ano (os dados são da ABPA).

Considerando-se os dados de janeiro de 2011 a setembro de 2017, observa-se que a Arábia Saudita tem figurado como a maior importadora do produto brasileiro, sendo responsável por 17,32% do total exportado pelo Brasil em 2016 e por 9,72% no acumulado de 2017 (até setembro). China, União Europeia, Japão e Emirados Árabes Unidos também foram grandes demandantes da carne de frango nacional de 2011 a 2017 – também conforme a Secex.

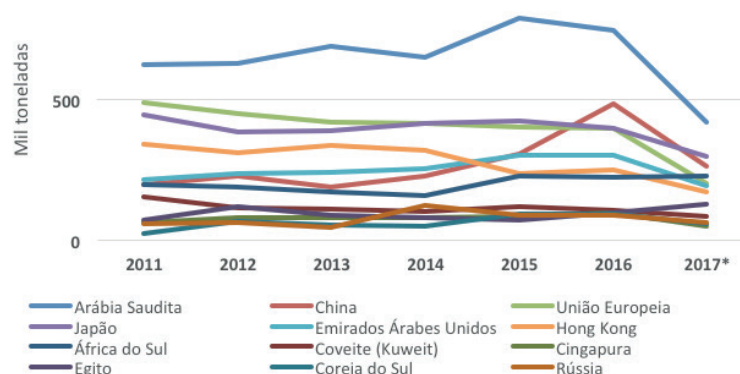


Gráfico 1. Exportações totais de carne de frango para os 12 principais países importadores, de jan/11 a set/17  
Fonte: MDIC/Secex (2017), Projeto Campo Futuro CNA (2017), Cepea/Esalq-USP.

<sup>8</sup> Indica o quanto a demanda por um bem irá variar diante de uma alteração na renda.

Estimativas do USDA (Departamento de Agricultura dos Estados Unidos) indicam que, em 2018, as exportações brasileiras de carne de frango vão aumentar cerca de 4% em relação a 2017. Essa previsão de maior volume embarcado está associada à recuperação da competitividade do produto brasileiro e às restrições comerciais impostas a outros importantes players, devido à influenza aviária. As estimativas do USDA ainda indicam que as

importações de carne de frango da China devem ter aumento de 7% em 2018, o que pode contribuir para que o Brasil expanda a sua participação no mercado chinês.

A tendência de aumento na produção depende também da demanda externa do produto, que, por sua vez, deve continuar firme, dado o crescimento econômico dos demais países compradores do pro-

duto nacional. O setor deve se atentar, no entanto, à baixa demanda do consumidor no mercado doméstico-. Na ocorrência de choques externos, que afetariam o poder de compra internacional, a indústria brasileira poderia ter dificuldades para escoar o produto, uma vez que o mercado doméstico dificilmente absorveria toda a produção de carne de frango. 🌿